



# Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação e tecnologias [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-271-5

DOI 10.22533/at.ed.715191704

1. Educação. 2. Inovações educacionais. 3. Tecnologia educacional. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.9

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a sociedade muda".

-Paulo Freire

A obra “Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

Diante de um mundo de transformações rápidas e constantes, no qual os conhecimentos se tornam cada vez mais provisórios, pressupõe-se a necessidade de um investimento constante na formação ao longo da vida.

As tecnologias estão reordenando e reestruturando a forma de se produzir e disseminar o conhecimento, as relações sociais e econômicas, a noção de tempo e espaço, modos de ser, pensar e estar no mundo, até a capacidade de aprender para estar em permanente sintonia com a velocidade das constantes transformações tecnológicas que, na verdade, tornou-se um bem maior nesta nova era.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não dão mais suporte para que pessoas exerçam a sua profissão ao longo dos anos com a devida qualidade, como acontecia até há pouco tempo, conforme explica Lévy (2010, p.157): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira”.

As iniciativas de formação têm aumentado no Brasil, como também as propostas de educação que envolvem as tecnologias, sendo esta uma de suas inúmeras possibilidades, a atualização de conhecimentos atrelada ao exercício profissional.

Lévy assinala que, “por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos; pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo.” (2010, p.96).

Percebe-se, uma nova relação pedagógica com os atores sociais, estabelecendo nos espaços mediados pela rede, um diálogo fundamentado em uma educação, ao mesmo tempo, como ato político, como ato de conhecimento e como ato de criação e recriação, pois o conhecimento só se redimensiona devido à imensa coletividade dos homens, num processo de valorização do saber de todos.

As possibilidades de comunicação e de trocas significativas com o outro, por intermédio da linguagem real ou virtual, repercutem na subjetividade como um todo e intervêm na estruturação cognitiva, na medida em que constitui um espaço simbólico de interação e construção.

Uma pessoa letrada tecnologicamente tem a liberdade de usar esse poder para examinar e questionar os problemas de importância em sócio tecnologia. Algumas dessas questões poderiam ser: as ideias de progresso por meio da tecnologia, as tecnologias apropriadas, os benefícios e custos do desenvolvimento tecnológico, os modelos econômicos envolvendo tecnologia, as decisões pessoais envolvendo o

consumo de produtos tecnológicos e como as decisões tomadas pelos gerenciadores da tecnologia conformam suas aplicações.

Aos leitores desta obra, que ela traga inúmeras inspirações para a discussão e a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando propostas para a construção de conhecimentos cada vez mais significativo.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AUTONOMIA E OS PROCESSOS DE MUDANÇA UM ESTUDO SOBRE A DESISTÊNCIA EM UM CURSO ONLINE	
Maria Glalcy Fequetia Dalcim	
DOI 10.22533/at.ed.7151917041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO	
Pedro Pascoal Sava	
Helena Portes Sava de Farias	
Bruno Matos de Farias	
Ana Cecilia Machado Dias	
DOI 10.22533/at.ed.7151917042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
A IMPORTÂNCIA DA EXPERIMENTAÇÃO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA MODALIDADE EAD	
Érica de Melo Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7151917043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE APRENDIZAGEM DO TUTOR A DISTÂNCIA NA ESCOLHA DOS RECURSOS DIDÁTICOS	
Cristiana Mariana da S. S. do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7151917044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
A LINGUAGEM NA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA EAD	
Ana Cristina Muniz Percilio	
Priscila Vieira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7151917045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EAD ICHS-UFF: O PROCESSO DE RETROFIT	
Julio Candido de Meirelles Junior	
Camyla D'Elyz do Amaral Meirelles	
Alessandra dos Santos Simão	
DOI 10.22533/at.ed.7151917046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
AVALIAÇÃO NA EAD UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA: PRÁTICAS E REGULAÇÃO NORMATIVA	
Célia Maria David	
Sebastião Donizeti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7151917047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
DESAFIOS PARA ORIENTADORES E ORIENTANDOS NA REALIZAÇÃO DO TCC NA EAD	
Keite Silva de Melo	
Gilda Helena Bernardino de Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7151917048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) E INOVAÇÃO: VICISSITUDES DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
Charles Abrantes Coura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7151917049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>114</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:; UMA REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL	
Edson Vieira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>136</b>
ESTRATÉGIAS DE ESTUDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA À DISTÂNCIA:; UM ESTUDO PILOTO QUANTO ÀS PREFERÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DOS ACADÊMICOS.	
Sidney Gilberto Gonçalves	
Ketylen Jesus Dos Santos	
Lucas Diego Da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FERRAMENTAS MEDIADORAS PARA A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA MODALIDADE EAD: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS	
Maria Gorett Freire Vitiello	
Eliza Adriana Sheuer Nantes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>160</b>
IDENTIDADE DOCENTE NA EAD: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES-TUTORES	
Elaine dos Reis Soeira	
Rosana Loiola Carlos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>172</b>
IDENTIDADE, AUTONOMIA E COMPROMETIMENTO DO ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA	
Eliamar Godoi	
Guacira Quirino Miranda	
Roberval Montes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170415</b>	

**CAPÍTULO 16 ..... 183**

IMPLEMENTAÇÃO DE CURSOS NA MODALIDADE EAD: ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Luiz Antonio Marques Filho  
Iêda Lenzi Durão  
Leonardo da Silva Sant'Anna

**DOI 10.22533/at.ed.71519170416**

**CAPÍTULO 17 ..... 199**

INICIAÇÃO CIENTÍFICA A DISTÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISADORES NA ÁREA DE LETRAS

Eliza Adriana Sheuer Nantes  
Antonio Lemes Guerra Junior  
Ednéia de Cássia Santos Pinho  
Juliana Fogaça Sanches Simm  
Maria Gorett Freire Vitiello

**DOI 10.22533/at.ed.71519170417**

**CAPÍTULO 18 ..... 204**

O LETRAMENTO DIGITAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POTENCIALIDADES PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Daniela de Oliveira Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.71519170418**

**CAPÍTULO 19 ..... 217**

O TRABALHO DO TUTOR NA EAD FUNÇÃO, ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

Sandra Regina dos Reis  
Okçana Battini

**DOI 10.22533/at.ed.71519170419**

**CAPÍTULO 20 ..... 228**

O USO DO FÓRUM COMO LABORATORIO DE FALA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maira Rejane Oliveira Pereira  
Ana Luzia Santos Pereira Pires  
Andressa Bacellar Veras  
Eliza Flora Muniz Araújo  
Ilka Marcia R. de Souza Serra

**DOI 10.22533/at.ed.71519170420**

**CAPÍTULO 21 ..... 236**

O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NA EAD

Anabela Aparecida Silva Barbosa  
Rafael Nink de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.71519170421**

**CAPÍTULO 22 ..... 247**

OS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Miguel Alfredo Orth  
Claudia Escalante Medeiros  
Igor Radtke Bederode

**DOI 10.22533/at.ed.71519170422**

**CAPÍTULO 23 ..... 262**

PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DOS ALUNOS DE UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA SEMIPRESENCIAL PARA UTILIZAREM DO SUPORTE DOS TUTORES

Bárbara Oliveira de Moraes  
Adalberto Oliveira Brito  
Fernanda de Araújo de Calmon Melo  
Maria Alice Augusta Coelho Coimbra  
José Ferreira dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.71519170423**

**CAPÍTULO 24 ..... 278**

PLANEJAMENTO, AÇÃO DE GESTÃO E STRATÉGIAS INOVADORAS OFERECIDAS PELA COORDENAÇÃO DE TUTORIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS EAD, UAB, ICB, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Gláucia Maria Cavasin  
Cristiane Lopes Simão Lemos  
Júlia Cavasin Oliveira  
Jenyffer Soares Estival Murça

**DOI 10.22533/at.ed.71519170424**

**CAPÍTULO 25 ..... 284**

REALIDADE AUMENTADA PARA A EAD: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO SEU DESENVOLVIMENTO?

Daiana Garibaldi da Rocha  
Adriana Ferreira Cardoso

**DOI 10.22533/at.ed.71519170425**

**CAPÍTULO 26 ..... 289**

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRESENCIAL: ENTRE A EDUCAÇÃO PRESENCIAL E VIRTUAL

Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho  
Altina Abadia da Silva  
Hugo Maciel de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.71519170426**

**CAPÍTULO 27 ..... 296**

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SEUS CONTRIBUTOS PARA A GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neilane de Souza Viana

**DOI 10.22533/at.ed.71519170427**

**CAPÍTULO 28 ..... 309**

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE USABILIDADE E O COMPORTAMENTO DO USUÁRIO NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO PARALELA NO CONTEXTO EDUCACIONAL; [TEXTO ORIGINALMENTE APRESENTADO NO CIET:ENPED (NÓBREGA ET AL., 2018C)]

Thaynan Escarião da Nóbrega  
José Klidenberg de Oliveira Júnior  
Andresa Costa Pereira  
Marco Antônio Dias da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.71519170428**

**CAPÍTULO 29 ..... 322**

AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA NOÇÃO DE CAMPO SOCIAL E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Renato Ribeiro Daltro  
Afrânio Mendes Catani

**DOI 10.22533/at.ed.71519170429**

**CAPÍTULO 30 ..... 331**

SESSÕES DE TELETANDEM À LUZ DE UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Rodrigo Schaefer  
Paulo Roberto Sehnem

**DOI 10.22533/at.ed.71519170430**

**CAPÍTULO 31 ..... 340**

TECNODOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS: INTERDISCIPLINARIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Luciana de Lima  
Robson Carlos Loureiro  
Gabriela Teles  
Thayana Brunna Queiroz Lima Sena  
Deyse Mara Romualdo Soares

**DOI 10.22533/at.ed.71519170431**

**CAPÍTULO 32 ..... 350**

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E INCLUSÃO ESCOLAR: O USO DO SOFTWARE GRID 2 NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO A ESTUDANTE COM AUTISMO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL

Flávia Ramos Cândido  
Amaralina Miranda de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.71519170432**

**CAPÍTULO 33 ..... 367**

ROBÓTICA DE BAIXO CUSTO COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Luciano Frontino de Medeiros  
Scheila Leal Dantas

**DOI 10.22533/at.ed.71519170433**

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>378</b>
A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO HAND TALK PARA SURDOS, COMO FERRAMENTA DE MELHORA DA ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Marcelo Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170434</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>392</b>
O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MEDIADA PELO ORALISMO PURO	
<a href="#">Andressa dos Santos Ribeiro</a>	
<a href="#">Cleres Carvalho do Nascimento Silva</a>	
<a href="#">Hávila Sâmua Oliveira Santos</a>	
<a href="#">Maria Claudia Lima Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170435</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>403</b>
A TECNOLOGIA COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS SOBRE A MORFOLOGIA DOS FRUTOS	
<a href="#">Adriana Marcia dos Santos</a>	
<a href="#">Eliane Cerdas Labarce</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170436</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>418</b>
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: ANÁLISE DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
<a href="#">Emanuelle Macêdo Viana</a>	
<a href="#">Maria de Fátima Camarotti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170437</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>435</b>
A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA NA INTERNET	
<a href="#">Karla Cristina Vicentini de Araújo</a>	
<a href="#">Nayara Fernanda Vicentini</a>	
<a href="#">Gabriella Rossetti Ferreira</a>	
<a href="#">Paulo Rennes Marçal Ribeiro</a>	
<a href="#">Ana Claudia Bortolozzi Maia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71519170438</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>444</b>

## O LETRAMENTO DIGITAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POTENCIALIDADES PARA A INCLUSÃO SOCIAL

**Daniela de Oliveira Pereira**

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto – MG

**RESUMO:** Este artigo tem como tema central a relação entre letramento digital, educação a distância (EAD) e inclusão social. Pretende-se analisar a importância do letramento na sociedade atual como instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento, por meio da EAD, bem como problematizar se as práticas de letramento digital da EAD podem, de fato, se constituir em mecanismos de inclusão social e digital. Para o alcance do objetivo proposto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, qualitativa e de caráter exploratório, baseando-se em autores como Buzato (2006), Coscarelli (2011), Rojo (2009), Soares (2002 e 2004) e Street (2013), dentre outros. Como conclusão, o estudo aponta que, embora apresentando limitações, as práticas de letramento digital realizadas por meio da EAD podem se configurar como mecanismos capazes de enfrentar o analfabetismo e permitir a inclusão social, exigindo dos educadores uma reflexão mais ampla, que englobe o repensar dos próprios conceitos de educação e tecnologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento digital, educação a distância, inclusão social.

**ABSTRACT:** This article focuses on the relation between digital literacy, distance education (EAD in Portuguese) and social inclusion. It is intended to analyze the importance of literacy in the contemporary society as an instrument of social inclusion and democratization of the knowledge, through EAD, as well as to problematize if the digital literacy practices can, in fact, develop mechanisms of social and digital inclusion. In order to reach the proposed object, the methodology used was the bibliographical, qualitative and exploratory researches, based on authors such as Buzato (2006), Coscarelli (2011), Rojo (2009), Soares (2002 e 2004) e Street (2013), among others. As a conclusion, the study points out that, although presenting limitations, the practices of digital literacy performed by EAD can be considered instruments able to fight illiteracy and to allow social inclusion, demanding a broader reflection from educators, which encompasses rethinking the very concepts of education and technology.

**KEYWORDS:** Digital literacy, distance education, social inclusion.

### 1 | INTRODUÇÃO

O processo de transformação tecnológica da sociedade contemporânea vem ocorrendo de maneira exponencial, principalmente graças ao desenvolvimento da linguagem digital, a

qual possibilita a criação de interfaces que permitem a geração, o armazenamento e a disseminação da informação e das inovações, nas mais variadas formas, tempos e espaços. Os sujeitos, imersos nesse ambiente tecnológico, influenciam e são influenciados em sua forma de pensar e agir, gerando impactos nas interações entre os indivíduos e na sociedade como um todo. Entretanto, ao mesmo tempo em que as tecnologias ampliam as possibilidades de compartilhamento e a formação de redes, as exigências e requisitos para participação nesse contexto globalizado são aumentados e, com eles, o potencial de exclusão.

Dessa forma, alteram-se as formas de produção, apropriação e utilização do conhecimento, influenciando diretamente o processo educacional e a escola que, como agente e lugar de letramento, precisa garantir o direito do cidadão à inclusão nesse contexto. No cenário brasileiro, a educação a distância vem sendo associada à democratização dos processos de ensino-aprendizagem, mediados por tecnologias, devido às possibilidades de acesso e flexibilidade na formação tanto de professores quanto de alunos nos vários níveis de ensino.

Nessa perspectiva, inserido na temática de letramento digital, EAD e inclusão, este artigo tem por objetivo analisar a importância do letramento na sociedade atual, principalmente o letramento digital como instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento, por meio da EAD.

A importância deste estudo justifica-se na medida em que as práticas de leitura e escrita estão sendo redimensionadas em função das mudanças provocadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e pelos avanços nas inovações. Paradoxalmente, os sujeitos estão cada vez mais imersos em ambientes tecnológicos, em seu cotidiano, mas os processos de apropriação de alunos e docentes, nas escolas, em relação às inovações tecnológicas parecem não acompanhar as rápidas e constantes mudanças da cibercultura, gerando contextos de exclusão.

Dessa maneira, baseando-se em autores como Buzato (2006), Coscarelli (2011), Rojo (2009), Soares (2002 e 2004) e Street (2013), dentre outros, este trabalho pretende responder se as práticas de letramento digital da EAD podem se constituir em mecanismos de inclusão social e digital. Assim, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de caráter exploratório, que procura apresentar premissas básicas da sociedade da informação, reflexões sobre a exclusão social e digital, conceitos de alfabetização, letramento e letramento digital, bem como análises sobre as potencialidades do letramento digital da EAD para a inclusão social.

## **2 | A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

Vive-se uma época sem precedentes na história da humanidade, com grandes e rápidas transformações. De acordo com Vieira e Vieira (2003) ao cotidiano incorporam-se continuamente produtos e serviços provenientes de reestruturações, de novas tendências, identidades, significados e valores agregados. A evolução tecnológica e

cultural introduz novos paradigmas e produz impactos nos cenários do presente e certamente do futuro das organizações – a escola é uma organização – que, como sistemas vivos, precisam constantemente se adaptar ao ambiente com o qual se relacionam e sobre o qual atuam. Ainda segundo os mesmos autores transitamos de um século a outro, carregando alguns significados de um tempo recente e que perdem, gradativamente, sentido para as novas virtualidades da tecnologia na era da informação e do conhecimento.

O novo formato social chamado, dentre outras formas, de sociedade do conhecimento, sociedade em rede ou informacional, constitui-se de uma sociedade globalizada, (...) com utilização intensiva do conhecimento através das inovações oferecidas pela microeletrônica, pela informática e pelas novas tecnologias de comunicação (Castells, 1999). Assiste-se ao surgimento de um novo paradigma, o da tecnologia da informação, no qual as transformações tecnológicas estabelecem novas relações com a economia e a sociedade. Esse novo modelo, segundo o autor, é alicerçado na informação, a qual é parte integrante de toda atividade humana e, portanto, todas as atividades são influenciadas diretamente por ela. A tecnologia, além de favorecer a reorganização e a flexibilidade dos processos, permite implementar, na prática, a lógica de redes, de forma a permitir a conexão entre tais processos. Dessa forma, por meio da crescente convergência de tecnologias, as diversas áreas do saber tornam-se interligadas, transformando a forma como as atividades são pensadas.

Inserido nesse cenário de mudanças, o campo educacional encontra-se cada vez mais pressionado por todas essas modificações. Escolas e universidades são impelidas a preparar seus alunos para a liderança e para o acompanhamento das profundas transformações introduzidas pelo avanço tecnológico e pelas novas concepções de vida dele emergentes. Do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, o novo desafio imposto às universidades passa a ser o de preparar os sujeitos para desenvolver um conhecimento mais qualificado e autônomo, capacitando-os para a análise sistemática e colaborativa na resolução de problemas. Segundo Lévy (1993) é preciso reconhecer um novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, o aprendizado personalizado e o cooperativo em rede. Assim, a função do educador muda radicalmente. Ele não é mais aquele que dá aula simplesmente, mas um profissional que interage sistematicamente com a informação e o conhecimento.

Portanto, as transformações na estrutura produtiva das sociedades capitalistas contemporâneas, impulsionadas pelo avanço tecnológico, criaram novos contextos culturais e novos modos de perceber e de compreender o mundo, além de colocar desafios teóricos e práticos para a educação. Nesse sentido, Lévy (1996) afirma que um movimento geral de virtualização afeta hoje a informação, a comunicação, os corpos, o funcionamento da economia, os quadros coletivos da sensibilidade e o exercício da inteligência, ou seja, a constituição do “nós”. Tal virtualização, segundo o autor, pode ser entendida como a mutação ou movimento em curso. O virtual é um modo de ser dos processos de criação, isto é, um processo de transformação de um

modo de ser num outro. Lévy (1999) ainda reflete acerca do impacto das tecnologias sobre a construção da inteligência coletiva, afirmando que a sociedade se encontra condicionada, mas não determinada pela técnica. Segundo o autor, com o advento do ciberespaço, o saber articula-se à nova perspectiva de educação, em função das novas formas de se construir conhecimento, que contemplam a democratização do acesso à informação, os novos estilos de aprendizagem e a emergência da inteligência coletiva.

### **3 | EXCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

No mundo contemporâneo, as tecnologias da informação e comunicação estão cada vez mais presentes e, explícita ou implicitamente, demarcam cada vez mais seu espaço, determinando o modo como as pessoas vivem, pensam e agem, construindo novos códigos de linguagens e configurando uma grande rede com vantagens e desvantagens significativas. Assim, ao mesmo tempo em que tais tecnologias aproximam pessoas e instituições e possibilitam a geração de produtos e serviços em velocidades cada vez maiores, intensificam-se as exigências e condições para participação, bem como seu potencial de exclusão.

A discussão do conceito de exclusão perpassa pela percepção do limite entre os que são incluídos e os que são excluídos dentro de uma determinada população, bem como do posicionamento do Estado em relação a esses grupos. Essa noção pode variar no espaço e no tempo, uma vez que as transformações advindas do processo de globalização não acontecem de forma homogênea em países industrializados e nos em desenvolvimento, aumentando ainda mais as diferenças entre esses “dois mundos”. Desse modo, a concepção da exclusão está ligada à existência de desigualdades sociais e, portanto, de oportunidades (Silva, 2014).

Nesse contexto de exclusão social, percebe-se que é grande o desafio das iniciativas voltadas para a difusão das tecnologias da informação e comunicação, a fim de garantir condições igualitárias de participação no novo padrão de desenvolvimento. Percebe-se que a cibercultura está alterando não só as relações das pessoas com o tempo e o espaço, como também está ampliando exponencialmente as diferenças na capacidade de lidar com as informações e transformá-las em conhecimento, podendo, dessa forma, não apenas consolidar as desigualdades sociais como também elevá-las.

Assim, a fim de diminuir tanto a exclusão social quanto a digital é fundamental garantir o acesso não somente à infraestrutura física, mas, principalmente, capacitar os diferentes sujeitos sociais para o uso e domínio da linguagem adequada. Nesse sentido, faz-se necessária uma ação efetiva do Estado, com a formulação de políticas públicas que corrijam distorções e permitam a universalização do acesso e da participação na sociedade do conhecimento. Tais estratégias devem possibilitar, além do acesso livre à informação, uma garantia de alfabetização e letramento digital de

professores e alunos, levando-se em consideração que o uso intenso das tecnologias de informação e comunicação se constituem como linguagens que precisam ser conhecidas, experimentadas e ressignificadas, a fim de produzirem conhecimento.

Em relação ao contexto brasileiro, pode-se dizer que o processo de exclusão social no país não é novo e a construção de uma proposta educacional que a supere requer a percepção de que se trata de um fenômeno histórico e cultural. Tal entendimento perpassa pela compreensão do paradoxo de que, mesmo com o avanço e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a sociedade e a escola continuam a permitir e a contribuir, em suas relações, para a exclusão social. É nesse sentido que Rojo (2009) afirma que durante praticamente todo o século XX, no Brasil, a relação da escola com a população foi de exclusão e de fracasso.

Para explicar esse contrassenso, a autora toma por base os estudos realizados por Leon e Menezes-Filho (2002) e de Ferraro (2002), sobre reprovação, evasão e fracasso escolar. Trabalhando com dados do IBGE, tais pesquisas mostram que as taxas de reprovação escolar se concentram nas séries mais avançadas do ensino fundamental e estão relacionadas com a evasão e a consequente exclusão escolar. Assim, se o fracasso escolar se efetiva por meio da reprovação a tendência de evasão e, portanto, de exclusão social, é bem maior. Dessa forma, o acesso ao ensino fundamental é garantido, mas não a permanência, a escolaridade de longa duração e o sucesso escolar dos meios populares.

Essas foram as razões, segundo Rojo (2009), que levaram o governo federal a instituir políticas públicas de ciclos, de progressão continuada e de cotas, que, além de questionadas pela sociedade e pela mídia, acabam por configurar um tipo de fracasso e exclusão. Os resultados obtidos a partir dessas iniciativas expressam um ensino e uma aprendizagem insuficientes e impedem ou dificultam não somente o sucesso e a inclusão escolar, mas, principalmente, a cidadania. Dessa forma, é preciso pensar o processo educativo como a via mais curta para, efetivamente, ampliar o acesso ao exercício efetivo da cidadania. A educação deve estar vinculada à construção de uma sociedade que respeite a diversidade e que, portanto, caminhe junto com princípios da equidade. Para isso, é necessário, comprometer a escola com o processo mais amplo de inclusão social.

#### **4 | DISCUSSÕES EM TORNO DOS CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL**

Para um melhor entendimento da exclusão digital e das práticas sociais que se efetivam no ciberespaço, é necessário tentar discutir os conceitos de alfabetização, letramento e letramento digital que, embora sejam bastante explorados por vários autores em suas pesquisas, especialmente na área de educação, não apresentam homogeneidade e constância.

Para Soares (2004) a alfabetização pode ser entendida como a aprendizagem do sistema tradicional de escrita e o letramento refere-se ao uso ou apropriação da leitura e da escrita, como práticas sociais, a partir do desenvolvimento de comportamentos e habilidades. Assim, alfabetização e letramento distinguem-se tanto em relação ao objeto de estudo quanto aos processos cognitivos de ensino-aprendizagem. Entretanto, esses processos, mesmo distintos, são interligados e não podem ser separados, uma vez que a alfabetização se desenvolve no contexto e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, por intermédio de práticas de letramento, o qual só acontece através da aprendizagem da língua escrita. Em outra concepção, Soares (2002) define o letramento como sendo a condição dos indivíduos ou grupos sociais que exercem efetivamente as práticas de leitura e escrita e que, portanto, participam de maneira competente de eventos de letramento e, com isso, mantêm interações com outros sujeitos e com o meio, inserindo-se em uma sociedade letrada. Nesse sentido, o letramento seria o contrário de analfabetismo, ou seja, a condição ou estado de quem não é analfabeto. Com a introdução, na sociedade, de novas práticas de leitura e escrita, proporcionada pelo advento pelas tecnologias de informação e comunicação, configura-se o letramento digital na cibercultura, isto é, a apropriação das novas tecnologias para o exercício da leitura e da escrita na tela.

Os Novos Estudos sobre Letramento ou *New Literacy Studies*, enfocam, de acordo com Street (2013), a representação do letramento como prática social e não somente a aquisição de habilidades técnicas, representando uma nova perspectiva nos estudos do letramento. Assim, identificam-se múltiplos letramentos, autônomos e ideológicos, que variam no tempo, no espaço e conforme a cultura e as relações de poder. O modelo autônomo pressupõe que o letramento, por si só, produz efeitos benéficos sobre outras práticas sociais, disfarçando os pressupostos ideológicos e culturais que o sustentam. Pelo modelo ideológico, o letramento varia de acordo com o contexto e a cultura e as práticas de leitura e escrita estão arraigadas nas concepções de conhecimento, de identidade e de ser dos sujeitos. Nesse sentido, incorporado em práticas sociais, o letramento e seus significados são objetos de disputa.

Já pela leitura de Coscarelli (2011) é possível inferir que a alfabetização digital se relaciona tanto à obtenção do conhecimento técnico e ferramental dos recursos da informática ou das tecnologias de informação e comunicação quanto às novas práticas discursivas e formas de interação medidas por tais tecnologias. Dessa maneira, a autora aproxima o conceito de alfabetização digital do de letramento digital, que se preocupa com a dimensão crítica e produtiva, permeada pelas tecnologias. A acepção de letramento encontra-se, nesse conceito, na ideia de interação e socialização, por intermédio do uso do computador como meio de comunicação e de produção de questionamentos e conteúdo.

Ribeiro (2009) afirma que um sujeito alfabetizado conhece uma tecnologia e que o letrado, entendendo ou não tal tecnologia, têm consciência que o domínio da língua escrita ou oral acarreta em usos e possibilidades. Além disso, do ponto de vista

social e histórico, existem graus de letramento na sociedade pós-moderna, ou seja, a competência de ler e escrever pode ser desenvolvida em diferentes níveis. A autora ainda observa que nas sociedades centradas na escrita, como o Brasil, o analfabeto, embora sendo também cidadão, não se encontra em condição de exercer plenamente seus direitos. Isso equivale dizer que o não domínio da escrita leva à exclusão social e que ser somente alfabetizado também não é o bastante; é preciso ser letrado, ou seja, dominar mais linguagens e técnicas. Dessa forma, em tempos de internet, o conceito de letramento digital apresenta-se ainda mais controverso, pois não há um consenso sobre seu uso, com várias expressões traduzidas do inglês, nem sempre com sentido semelhante ou referindo-se aos mesmos problemas e objetos.

Alfabetismo é, para Rojo (2009), um conceito complexo, que concorre com o conceito de letramento e que varia de uma época para outra, pois reflete mudanças sociais. Entende-se por alfabetização a ação de ensinar a ler e a escrever sendo, dessa forma, uma prática de letramento escolar. Embora interligados, o termo alfabetismo tem foco individual, determinado pelas capacidades e competências escolares de leitura e escrita e o termo letramento relaciona-se aos usos e práticas sociais de linguagem, variando de um local para outro e em contextos sociais e culturais diversos.

Por fim, Buzato (2006), ao tratar do conceito de letramento, apresenta, primeiramente, uma noção da relação entre sociedade e tecnologia, especialmente no que diz respeito à educação. A tecnologia, assim como a linguagem, ao mesmo tempo em que influencia as relações sociais, é moldada por elas, concebendo-se, portanto, como ação social coletiva que pode ser praticada a favor da inclusão. Considera-se o letramento como um conjunto de práticas sociais e culturais que utilizam a leitura e a escrita com objetivos específicos e em contextos socioculturais diferentes. Por alfabetização entende-se o ensino e a aprendizagem de habilidades básicas para a escrita, relacionando-a com a língua oral, para diferentes finalidades sociais. Portanto, a diferença entre alfabetização e letramento reside justamente na noção de prática social. O autor ainda define letramento digital como sendo as práticas sociais que se cruzam de maneira contínua, por meio de dispositivos digitais, tanto em contextos socioculturais limitados quanto nos eletrônicos, produzidos pela interação mediada pelas tecnologias.

## **5 | LETRAMENTO DIGITAL, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E INCLUSÃO SOCIAL**

A problematização em torno das questões que envolvem a EAD vem se tornando, ao longo dos anos, um debate fundamental para se refletir sobre os rumos da educação numa sociedade cada vez mais conectada pelas redes de tecnologia digital. Nova e Alves (2003) afirmam que o conceito de educação a distância remete aos processos de produção e transmissão do conhecimento que se realizam sem que haja, para isso, a obrigatoriedade da presença física simultânea de professores e alunos. Nesse sentido, a difusão da escrita foi e ainda é uma das principais tecnologias aplicáveis à

EAD, o que leva vários estudiosos a relacionarem o surgimento dessa modalidade de ensino ao nascimento da imprensa de Gutemberg, na Alemanha, no século XV.

Dessa forma, ao se realizar uma análise histórica, é possível identificar, que segundo Szulczewski (2013), a educação a distância, oferecida inicialmente por meio do correio, do rádio e da televisão, pode ser dividida em três grupos, de acordo com a tecnologia utilizada: 1) impressa; 2) áudio e vídeo; e, 3) mediada pelo computador. Contudo, é importante frisar que nenhuma dessas “gerações” substitui a anterior, ou seja, elas coexistem e que a tecnologia tem acompanhado a educação desde os seus primórdios, cada época dispondo de características e recursos próprios. Na contemporaneidade, o conceito de EAD emerge com a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, da internet, dos ambientes virtuais de aprendizagem e suas chamadas ferramentas operacionais de interação, tornando-se uma alternativa possível para democratização do acesso à informação.

No contexto brasileiro, Lopes (2014) afirma que, apesar de contar com um histórico de muitas descontinuidades e controvérsias, a EAD está consolidada, inclusive como política de Estado. Um marco importante para essa consolidação foi a aprovação do Art. 80 da LDB nº 9.394/96, por meio do qual a EAD alcançou seu status de modalidade plenamente reconhecida e integrada ao sistema de ensino nacional. Dessa maneira, as inovações educacionais decorrentes da utilização das tecnologias de informação e comunicação passam a constituir um fenômeno social e tendem a transformar os sujeitos em seres mais reflexivos, cujas práticas influenciam e são influenciadas pela cultura global. Entretanto, de acordo com Belloni (2002), as possibilidades de mudança a partir da aplicação dessas tecnologias situam-se no nível das escolhas políticas da sociedade, ou seja, dependem das escolas e dos cidadãos utilizarem tais ferramentas como meios de emancipação e não apenas de exclusão e dominação.

Partindo dessa perspectiva, pode-se inferir que o uso das tecnologias da EAD está demandando o desenvolvimento de novas competências e habilidades dos sujeitos para as práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais. Desse modo, as práticas de letramento digital passam a ser influenciadas pelas transformações tecnológicas que alteram a leitura e a escrita em diferentes suportes. O letramento digital, nesse contexto de EAD, é compreendido para além do uso unicamente instrumental dos recursos tecnológicos e compreende as práticas sociais de leitura e escrita em ambientes virtuais interativos, com vistas à construção de significados socioculturais. (Silva, 2012).

De maneira geral, pode-se dizer que as práticas de letramento digital na educação a distância são alteradas pelas tecnologias eletrônicas, especialmente pelo computador e pela internet. Mesquita (2008) aponta que o espaço educacional é transformado da sala de aula presencial para a sala de aula virtual e não existem barreiras físicas ou geográficas. Surgem novas formas de linguagem para comunicação no ciberespaço, que representam e identificam alunos e professores, os quais, por meio das interações e dos textos, atribuem novos sentidos e significados às suas práticas, construindo o

conhecimento.

Ao se pensar o letramento digital como possível mecanismo de combate ao analfabetismo e à exclusão, é necessário analisar que o uso das tecnologias de informação e comunicação demanda o domínio da leitura, da escrita e de conhecimentos específicos para o manuseio de computador e para a navegação na internet. Assim, atividades críticas e argumentativas, que exijam articulação de informações, devem ser trabalhadas desde os primeiros anos das séries iniciais, a fim de desenvolver, no aluno, uma postura ativa, para que ele possa lidar com o letramento digital. É na escola que os discentes vão adquirir essas habilidades, que permitem que os sujeitos possam ter condições de participar das atividades que ocorrem na sociedade. Desse modo, é fundamental que se desenvolvam currículos focados no letramento digital, com atividades educativas que façam usos das tecnologias aplicadas na EAD e de suas ferramentas, promovendo a imersão tecnológica. Nesse sentido, o professor, no contexto de uma educação que promove a inclusão digital e social, deve ser capacitado para lidar com as tecnologias, de modo a refletir e a reformular sua prática.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos conceitos e dos pressupostos teóricos sobre o letramento, é possível perceber que, embora apresentando limitações, as práticas de letramento digital realizadas por meio da EAD podem se configurar como mecanismos capazes de enfrentar o analfabetismo e permitir a inclusão social. Corroborando com as ideias apresentadas por Buzato (2006), pode-se dizer que não é justo atribuir à educação a distância nem a responsabilidade pelos problemas da educação, nem tampouco esperar que ela os resolva. A EAD é apresentada, pois, como o lugar mais propício para desencadear, na conjuntura atual, a reflexão entre os educadores sobre o tema do letramento.

Tendo em vista as possibilidades de mediação e interação, por meio das práticas de letramento digital, é necessário pensar que tipo de mentalidade e de sujeito social essa modalidade de ensino pode produzir. Essa reflexão ainda deve levar em consideração os contextos gerados pelos letramentos digitais, bem como as relações espaço-tempo que se estabelecem na EAD e que refletem e produzem novos letramentos, os quais articulam textos, pensamentos e tecnologias.

É preciso ter em mente, também, que as práticas de leitura, produção e compartilhamento de textos em ambientes digitais abrem um espaço de criação e inovação espontâneas, articulando diversas formas de participação. Todas as formas de se fazer EAD, em tempos e lugares diferentes, terão suas características próprias, suas finalidades e significados locais, assim como as práticas de letramento. Ambas podem produzir suas próprias possibilidades, tanto de transformação, inclusão social e sucesso escolar quanto de reprodução da prática educacional e dos conflitos. Cabe lembrar, ainda, que quando os diferentes sujeitos, práticas, espaços e tempos são

conectados via EAD, tais inovações podem ser levadas aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, de modo que cada qual pode lhe atribuir valor e fortalecer sua inclusão nessa rede educativa heterogênea.

Portanto, pensar a EAD como mecanismo de inclusão social no contexto atual exige dos educadores uma reflexão bem mais ampla, que englobe o repensar dos próprios conceitos de educação e tecnologia. Todo esse processo de transformação tecnológica apresenta limitações e está atrelado às necessidades econômicas do sistema de produção capitalista, promotor de grandes desigualdades econômicas. Isso faz com que os avanços tecnológicos não sejam acompanhados de avanços sociais significativos. Assim, as potencialidades trazidas pela tecnologia acabam por ser aplicadas num contexto de contradição social que somente será rompido se houver uma reestruturação do próprio sistema, cujas bases deverão estar alicerçadas na educação.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Daniela Perri. **Trajetórias de Estudantes Universitários de Meios Populares em Busca de Letramento Digital**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-83VSS5> > Acesso em 07 set. 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 2002.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos Digitais e Formação de Professores**. São Paulo: Portal Educarede. 2006. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br>> Acesso em 19 jul. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – a Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSCARELLI, Carla. Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: Aspectos Sociais e Possibilidades Pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011, p. 25-40.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. São Paulo: Ática, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, Luís Fernando. **O Governo dos Sujeitos na Educação Superior a Distância: Reflexões a partir do Pensamento de Michel Foucault**. Revista Intersaberes, v. 9, n. 17, 2014. Disponível em < <http://www.grupouninter.com.br> > Acesso em 17 jul. 2015.

MESQUITA, Maria Suely de Andrade. **Letramento Digital e Educação a Distância**. In: Encontro Nacional de Letramento, 2008, Paraíba. Trabalho. Paraíba: 2008, UEPB. Disponível em: < <http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/mai/6.pdf> >. Acesso em 19 jul. 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições**. Educação & Sociedade, n. 78, p. 15-36, abr. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf> >. Acesso em: 07 set. 2015.

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. Educação à Distância: Limites e Possibilidades. In: NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. **Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo: Futura, 2003, p. 5-27.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: Um Tema em Gêneros Efêmeros**. Revista da Abralín, vol. 8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009. Disponível em: < <http://www.abralin.org> > Acesso em 17 jul. 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma Leitura Contemporânea**. Revista Brasileira de Educação. n. 20, maio/ago 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05> > Acesso em 08 set. 2015.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Educação a Distância e Práticas de Letramento Digital: Desafios para a Formação Docente**. In: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – Comunidade e Aprendizagem em Rede, 2012, Pernambuco. Anais eletrônicos. Pernambuco: 2012, NEHTE/UFPE. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br>>. Acesso em 17 jul. 2015.

SILVA, Severino Silvestre da. **A Escola e a Exclusão Social: Consequências do Fracasso Escolar nos Percursos de Vida de Jovens e Adultos pouco Escolarizados dos Meios Populares da Zona da Mata de Pernambuco- Brasil**. Tese de doutorado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014. Disponível em: < <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5781> > Acesso em 09 jul. 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos**. Pátio – Revista Pedagógica, Porto Alegre, Artmed, n. 29, fev. 2004. Disponível em < <http://www.acervodigital.unesp.br/> > Acesso em 16 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 16 jul. 2015.

STREET, Brian. **Políticas e Práticas de Letramento na Inglaterra: Uma Perspectiva de Letramentos Sociais como Base para uma Comparação com o Brasil**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 33, n. 89, p. 51-71, jan.-abr. 2013. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 17 jul. 2015.

SZULCZEWSKI, Deise Maria. **Formas de Ser Professor na EAD: Práticas que Contam de Si**. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2013. Disponível em: < <http://www.michelfoucault.com.br/> > Acesso em 18 jul. 2015.

VIEIRA, Eurípedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **Estrutura Organizacional e Gestão do Desempenho nas Universidades Federais Brasileiras**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, FGV, vol. 37, n. 4, p. 899-920, jul/ago. 2003. Disponível em <[www.ebape.fgv.br](http://www.ebape.fgv.br)> Acesso em 04 jul. 2015.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-271-5

